

13ª aula

O jaguar e a sucuriju

Há dois temas de presença muito difundida nas mitologias de sociedades indígenas, não raro afastadas entre si espacial e culturalmente. Um deles é o dos gêmeos retirados com vida do corpo da mãe após ter sido morta por uma onça em cuja casa estava abrigada ou exercia o papel de esposa. O outro é o dos seres, humanos ou não, gerados por uma grande cobra em uma mulher, de cujo ventre saíam e a ele retornavam. Embora apareçam em mitos distintos, há casos em que se combinam num mesmo mito.

Os gêmeos na mitologia guarani

No apêndice de seu famoso livro *As Lendas da Criação e Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião dos Apapocuva-Guarani* (São Paulo: Hucitec e Edusp, 1987; publicado originalmente em alemão em 1914), Curt Nimuendaju apresenta o mito guarani dos primórdios, onde os gêmeos são personagens importantes. Aqui resumo uma parte dele:

Após ter criado a primeira mulher, o ser supremo *Ñanderuvuçú* e seu companheiro *Ñanderu Mbaecuaá* nela geraram cada qual um filho, e os dois estavam no ventre dela. Como a mulher duvidasse da palavra de *Ñanderuvuçú*, que lhe tinha ordenado ir colher milho na roça logo após ele ter voltado do plantio, ele zangado foi embora. Não encontrando o marido em casa, a mulher foi procurá-lo. Do interior de seu ventre, o filho do ser supremo falava com ela, ora pedindo-lhe para colher certa flor, ora lhe ensinando o caminho que levava à casa do pai. Como uma vespa picou a mulher ao apanhar uma flor solicitada, ela repreendeu o filho por pedir-lhe flores e este, zangado, quando outra vez solicitado a ensinar o caminho, mostrou o atalho do Jaguar Eterno.

Ao lá chegar, foi escondida por uma velha onça, para que não fosse encontrada pelos seus netos quando voltassem da caçada, pois eram extremamente bravos. Quando estes, retornaram, um deles atirou-se sobre a bacia sob a qual se escondia a mulher e a matou. A avó, alegando que não tinha dentes, pediu ao neto que retirasse os gêmeos e os colocasse em água quente, para ela comê-los. Porém, não foi possível nem cozê-los na água quente, nem pisá-los no pilão e nem assá-los na cinza. Foram então criados pela velha onça.

Cresceram rapidamente. Aprenderam a caçar. Um jacu alvejado por eles perguntou-lhes por que o matavam para alimentar aqueles que havia matado a mãe deles. Um papagaio confirmou a informação. Eles choraram. O irmão menor queria mamar, e o maior tendo encontrado os ossos da mãe, refez o

corpo dela. Mas, após o menino ter mamado, o corpo dela foi destruído.

Fingindo brincar com um mundéu, os irmãos foram matando os jaguares um a um, atirando-os num abismo. A velha onça e outros jaguares foram atraídos por eles sob pretexto de colher certa fruta de modo a atravessarem uma corrente d'água. Um cabresto manipulado pelo irmão menor, precipitou os jaguares na água, onde foram devorados pelos animais aquáticos. Somente uma onça prenhe conseguiu atravessar para o outro lado e por isso continuam a existir jaguares.

Os gêmeos conforme os guajajaras

Charles Wagley e Eduardo Galvão, no seu livro *Os Índios Tenetehara* (Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1961), apresentam também o mito dos gêmeos (pp. 141-4), contado pelos guajajaras (os teneteharas do Maranhão; os do Pará são os tembés). A mulher aqui é esposa de *Maíra* e sai à procura dele (o episódio da desconfiança da mulher sobre seu poder de fazer as plantas crescerem depressa está em outra narrativa). Na versão guajajara, o filho também orienta a mãe sobre o caminho correto; também lhe pede flores. Quando a mãe se zanga por bater numa casa de marimbondos, ele se cala e por isso ela, perdida vai chegar à casa de *Mukwura* (mucura, gambá). Este, fazendo furos no teto de modo que a água da chuva atinja a rede da mulher, faz com que ela acabe dormindo junto com ele na mesma rede. Assim é gerado o segundo gêmeo. Se o primeiro é *Maíra-Yra*, o segundo é *Mukwura-Yra*. Ao chegar à casa do jaguar, é aí também escondida por uma onça velha. O jaguar, filho da velha, descobre a mulher, persegue-a, mata-a, retira-lhe os gêmeos do ventre e faz várias tentativas fracassadas de cozinhá-los.

A onça velha então resolveu criá-los. Eles brincam tomando a forma de diversos animais e até uma vez brincaram com a cabeça da velha, jogando-a um para o outro. Um jacu contou-lhes como tinha sido a morte da mãe deles, e os gêmeos resolveram se vingar.

Fizeram uma ponte sobre uma lagoa que eles próprios criaram cheia de piranhas que eles também criaram. Convidando as onças para uma pescaria, derrubaram a ponte quando elas a atravessavam.

A versão guajajara, tal como a guarani, termina com o encontro do pai, depois de passar por outros episódios.

Os gêmeos, no alto Xingu

Roque Laraia, em seu artigo “O Sol e a Lua na mitologia xinguana”, no volume *Mito e Linguagem Social* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, pp. 107-34) apresenta três versões do mito dos gêmeos: uma contada pelos bacairis, recolhida por Karl von den Steinen no final do século XIX; outra colhida dos calapalos pelo zoólogo José Cândido de Carvalho em meados do século XX; e a terceira, dos camaiurás, por ele próprio.

As três versões apresentam diferenças entre si, mas concordam em suas linhas gerais. Elas se assemelham às versões guarani e guajajara nos episódios da morte da mulher grávida, na criação dos gêmeos por uma onça velha, na revelação do segredo da morte da mãe aos gêmeos por um animal, na vingança dos gêmeos. Mas diferem quanto à relação entre a mãe dos gêmeos e o ser supremo: ela é esposa do ser supremo nas versões guarani e guajajara, mas é como que uma filha dele nas versões xinguanas. O alto Xingu, o criador dos seres humanos, cujo nome varia com a língua da sociedade xinguanas que narra o mito, escapa das garras do jaguar prometendo-lhe as filhas em casamento. Como estas relutam em cumprir a promessa do pai, este confecciona cerca de meia dúzia de mulheres de madeira, que ganham vida e são enviadas ao jaguar. Várias ocorrências no caminho vão diminuindo o número de mulheres: ingestão de água não potável, relações sexuais com o tapir de enorme pênis, queda de palmeira, matam algumas delas, de modo que somente chegam duas à casa do jaguar, com quem se unem. Esses acidentes substituem a desavença entre mãe e filho, ainda no útero, das versões guarani e guajajara.

O pai dos gêmeos varia com as versões: pode ser o próprio jaguar, ou ossos dos dedos de um bacairi trazidos pelo jaguar que uma das esposas come. Uma das mulheres fica grávida, a outra não. Numa das versões xinguanas, a mulher que não engravidou na casa do jaguar engravidará depois do assassinato da irmã, fazendo-se instrumento da vingança dos gêmeos: comendo cinza de taquari, ela dá origem aos índios bravos, como os caiapós e os suiás, que ajudarão os gêmeos a aniquilar as onças. Nessa mesma versão, que é a calapalo, antes do combate, um dos gêmeos faz seu pai jaguar sentar-se num arco retesado, despedindo-o para o céu. É curioso esse episódio porque afasta e ao mesmo tempo aproxima a versão calapalo da guarani; afasta porque o pai do gêmeo é o jaguar, e não o criador; mas aproxima porque coloca no céu um jaguar, tal como os guaranis acreditam num grande jaguar azul que devorará os homens no final dos tempos, quiçá o mesmo Jaguar Eterno de que fala a versão guarani. Por outro lado, esse episódio também aproxima a versão calapalo de todas as versões desse mito em geral, nos quais a destruição dos jaguares nunca é total, sempre escapa algum para dar continuidade a sua existência.

Vale notar que, mais recentemente, Ellen Basso, nas pp. 29-81 de seu livro *In Favor of Deceit* (Tucson: The University of Arizona Press, 1987), publicou mais uma versão calapalo, cuidadosamente colhida e traduzida, do mito dos gêmeos.

As versões xinguanas ainda têm uma peculiaridade não compartilhada com a guarani e a guajajara que é a associação deste mito com o *Kwa'rip*, rito funerário e ao mesmo tempo relacionado à iniciação das jovens e que ainda dá ocasião ao conagraçamento entre aldeias de diferentes etnias, onde os troncos que representam os mortos também aludem à confecção das mulheres de madeira.

A mulher bororo e a sucuriju

Passando ao outro tema, o das relações de uma mulher com uma serpente, resumirei rapidamente um mito bororo publicado nas pp. 197-9 do livro *Os Bororos Orientais*, de Antonio Colbacchini e Cesar Albisetti (São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942; o original em italiano é de 1927).

Um homem, tendo abatido uma sucuriçu, deu a sua mulher um grande pedaço da cobra para transportá-lo para a aldeia. Mal colocado às costas da mulher, o sangue que escorria da cobra penetrou nela e a fecundou.

Um dia, sozinha diante de um jenipapeiro, quando se perguntava quem podia nele trepar para tirar os frutos para ela, o ser gerado pelo sangue se ofereceu para fazê-lo e, saindo da mulher sob a forma de serpente, subiu na árvore, tirou os jenipapos e voltou para o corpo da mulher. Assustada, ela comunicou o ocorrido aos irmãos. Eles lhe recomendaram que voltasse à árvore acompanhada por eles. Ela tornou a repetir a mesma pergunta diante da árvore e a serpente novamente saiu de dentro de seu corpo para colher os frutos. Mas ao descer da árvore, não conseguiu entrar novamente no corpo dela, pois os irmãos da mulher a abateram a pauladas. Queimaram a cobra numa fogueira e retornaram à aldeia.

Quando voltaram ao local, viram que das cinzas da cobra haviam nascido o urucuzeiro, a resina de almécega, o tabaco, o milho e o algodão, elementos muito importantes como alimento, matéria-prima para ornamentos e fonte de prazer dos bororos.

A mulher mundurucu e a serpente verde

Se no mito bororo, a morte da sucuriçu trouxe uma contribuição importante para a cultura do grupo, no mito mundurucu, que resumirei agora, o resultado é negativo, gerando apenas vingança. Ele foi publicado nas pp. 125-6 do livro *Mundurucú Religion*, de Robert Murphy (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1958).

Diferentemente da mulher mito bororo, a personagem mundurucu não se sente molestada pela cobra, pelo contrário, procura-a.

É uma serpente verde que vive no alto da sorveira. A mulher costuma ir frequentemente até aí, chama a serpente, tem relações sexuais com ela, depois ganha os frutos da árvore e os leva para a casa. Aí diz aos parentes que colheu os frutos dos galhos quebrados que tombaram no chão. Finalmente fica grávida.

Um irmão desconfia da assiduidade com que ela vai a floresta e do seu constante sucesso na coleta da sorva. Escondendo-se, vai atrás dela para observar. Retorna e conta à mãe o que viu e ainda recomenda aos moradores da aldeia que evitem os frutos trazidos pela irmã, já que não foram colhidos por gente. Resolvido a matar a serpente, o irmão vai até ao pé de sorva. Imitando a irmã, chama a cobra e, quando ela desce, mata-a. Enrola-a em torno da base do tronco, de modo a parecer que a serpente está apenas dormindo.

Quando volta a procurar a serpente, a mulher a encontra morta, e retorna à aldeia sem frutos de sorva. Procura então um homem que conhecia uma fruta que dava a habilidade a quem a comesse de ver as coisas tal como realmente acontecem. Ela come a fruta *möriapa* e vê que foi o irmão quem matou a

cobra. Espera seu filho, gerado com a serpente, nascer e crescer. Conta-lhe então que seu tio materno fora quem matara o pai dele. O rapaz pede então ao tio que faça flechas para ele, e o mata com as próprias flechas que fizera.

Os xamãs, percebendo que qualquer um podia dispor de seus poderes, para impedi-lo tornam a fruta *möriapa* venenosa.

Digressão: uma transformação do mito anterior

Um mito é como uma encruzilhada de onde partem muitos caminhos. Embora não seja a vereda que eu queira tomar no momento, acho que vale a pena fazer uma referência ao mito da origem da citada fruta que faz ver a verdade, pois, sem ser propriamente o inverso do mito da serpente verde, ele o transforma. Ele está publicado no mesmo livro (pp. 124-5) e precede o que acabei de resumir.

Trata-se da história de um homem que tinha relações sexuais com uma preguiça. Ele saía com seu irmão mais novo para a roça, ali dizia a ele que ia caçar pássaros, ia sozinho em busca da preguiça, que vivia no alto de uma árvore. Chamava-a, fazia-a descer e tinha relações sexuais com ela. Ao retornar ele declarava não ter encontrado um único pássaro. Desconfiado, o irmão foi atrás dele para ver o que realmente estava acontecendo. Tendo descoberto, contou para a cunhada, mas prometeu-lhe que ia matar a preguiça. Foi até a preguiça e chamou-a como se fosse o irmão. Ela desceu e ele a matou com um porrete. Depois colocou um grande galho sobre a sua cabeça para dar a impressão de que ela morrera por acidente.

Quando o amante da preguiça foi procurá-la, interpretou sua morte como realmente um acidente, mas ficou desesperado e gritou até ficar quase sem voz. De volta para casa, recusou a comida oferecida por sua esposa, dizendo-lhe que o jaguar havia roubado a sua voz. Resolveu então suicidar e experimentou todas as variedades de plantas não comestíveis, na esperança de ingerir alguma que fosse venenosa.

E foi assim que veio a conhecer o fruto da *möriapa*, que habilitava a quem o comesse ver as coisas como realmente eram. Comeu o fruto e caiu em transe, durante o qual viu que o irmão tinha matado a preguiça. Quando voltou a si, matou o irmão.

A mulher timbira e a cobra

Seria um nunca acabar se eu resolvesse apresentar aqui todos os mitos conhecidos em que uma mulher tem relações sexuais com uma serpente. Mas vale a pena fazer uma referência ainda àquele que é talvez o mais conhecido, por ser um dos mais focalizados nos trabalhos etnográficos. O mito timbira de *Aukê* ou da origem dos civilizados. Vários autores publicaram versões desse mito. Só Roberto DaMatta o toma duas vezes para

análise: uma, no artigo “Mito e autoridade doméstica”, no volume *Ensaio de Antropologia Estrutural* (Petrópolis: Vozes, 1973, pp. 19-61); outra no artigo “Mito e anti-mito entre os Timbira”, no já referido volume *Mito e Linguagem Social* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, pp. 77-106). Eu mesmo publiquei mais de uma versão no livro *O Messianismo Kraho* (São Paulo: Herder e Edusp, 1972), também divulgado em www.juliomelatti.pro.br/livros/livro72.pdf.

É, com muitas variações, a história de uma mulher que teve relações sexuais com uma cobra, ou um outro ser, ficou grávida, e, quando ia tomar banho no ribeirão, seu filho saía do ventre para brincar, tomando a forma de vários animais. Depois que nasceu, continuou a transformar-se, apresentando-se como um ser humano de idade igual à daquele que dele se aproximava. Amedrontados, os moradores da aldeia decidem matá-lo, com a permissão e ajuda do irmão da mãe (ou do pai da mãe). Depois de algumas tentativas frustradas, conseguem queimá-lo numa fogueira. Posteriormente, quando voltam ao local, seus parentes próximos verificam que ele transformou-se no primeiro homem branco, com sua fazenda, seu gado, suas mercadorias, seus policiais ou jagunços. Indo todos visitá-los, são intimados por *Aukê* a escolher entre o arco e a espingarda. Como preferiram o primeiro, permaneceram índios.

A combinação dos dois temas num mito marubo

O mito da origem dos brancos contado pelos marubos também começa com as relações entre a mulher e a cobra, mas logo o combina com o tema inicialmente tratado, o das relações entre a mulher e o jaguar. Apresentei três versões desse mito quando o analisei no artigo “A origem dos brancos no mito de *Shoma Wetsa*” (*Anuário Antropológico/84*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro), e voltei a tratar dele no artigo “*Shoma Wetsa*: A história de um mito” (*Ciência Hoje* nº 53, pp. 56-61, 1989).

É a história de uma mulher que tinha relações com as lombrigas, num canto da maloca e também com duas grandes cobras que ficavam numa árvore próxima. Descobertas, a mãe e os irmãos da mulher acabam com umas e outras. Zangada, a mulher abandona a maloca, pedindo em altos brados que a onça venha comê-la. Um homem que caçava pássaros, esperando-os num andaime no alto de uma árvore, ouve os gritos e desce. Quer fazer da mulher a sua esposa, mas antes trata de livrar as partes genitais dela de todos os perigos que podem ameaçá-lo. E assim, da vagina ou dos pelos pubianos saem vários animais de picada dolorosa ou peçonhentos (formiga-de-fogo, lacraia, arraia), outros mágica ou fisicamente perigosos (alma-de-gato, peitica, sucuriçu), e ainda a Estrela d’Alva e Vésper.

O homem apresenta a mulher a sua mãe, *Shoma Wetsa*, que não gosta da união, alegando que ele deveria se casar com uma prima, uma parenta mais próxima. *Shoma Wetsa* era uma mulher canibal, com o corpo de metal e grandes lâminas a saírem de seus cotovelos. Tinha apenas um seio. Começam a nascer os filhos do casal e *Shoma Wetsa* vai comendo um a um, a cada vez que aceita a incumbência de tomar conta deles. Revoltado, o filho de *Shoma Wetsa* decide matá-la, fazendo-a dançar em torno de um buraco com uma fogueira no centro da maloca. Ajudado por uma alavanca, derruba-a no buraco.

Antes de morrer *Shoma Wetsa* faz algumas recomendações ao filho, como a de tomar certo tipo de ayahuasca e de não recebê-la com a palavra *nawa* (civilizado), quando ela retornasse trazendo de volta os netos que havia comido. Sua identificação com a onça fica mais clara nesse momento, quando o lugar em que morreu é visitado por animais noturnos, inclusive a onça. Como o filho e a nora recebem *Shoma Wetsa* dizendo a palavra proibida, ela e os que a seguiam voltam para traz e vêm a tornar-se os civilizados.

A diferença entre *Shoma Wetsa* e a velha onça dos mitos guarani, guajajara e xinguano, é que ela poupa a nora e come os netos. Além disso, os netos não são gêmeos. Se gêmeos há, eles são Estrela d'Alva e Vésper, filhos anteriores ao casamento com o filho de *Shoma Wetsa*. De certa maneira eles são diferentes dos animais peçonhentos que surgem junto com eles. Devem ter forma humana, pois são responsáveis respectivamente pelo amanhecer e o anoitecer, quando erguem no horizonte, oriental ou ocidental, seus escudos de couro de anta branca ou de anta preta.

A combinação dos dois temas no mito iecuana

Impressionante é a combinação dos dois temas na mitologia iecuana, a que se agregam também outros temas clássicos nas narrativas indígenas sul-americanas. Volto aqui ao livro *Watunna*, organizado por Marc de Civrieux, a que recorri quando tratei da formação do universo e da humanidade. Refiro-me a um conjunto de narrativas que fazem parte de um conjunto referente aos gêmeos, um dos quais se chama *Iureke* (pp. 45-82).

Conforme a mitologia iecuana, como já foi dito, o ser supremo *Wanadi* enviou à terra, sucessivamente, alguns seres chamados também *Wanadi*, que eram outras formas de seu espírito, para criarem a humanidade. Todos esses *Wanadi* tiveram seu trabalho dificultado pela criatura maléfica *Odosha* (obra não intencional do primeiro *Wanadi* enviado), que desejava ter a terra somente para si.

O terceiro enviado *Wanadi*, depois de criar o Sol, a Lua e as estrelas, quer criar a humanidade independente daqueles remanescentes das tentativas anteriores que ficaram sob o domínio de *Odosha*. Vai então buscar junto ao ser supremo a bola *Huehanna*, que contém os futuros humanos, semelhante àquela de mesmo nome que o segundo *Wanadi*, depois de seu fracasso, foi obrigado a guardar no alto de uma montanha. Eis que ele também é prejudicado, por uma criatura sua, Lua, que vai ao céu primeiro, fazendo-se passar por ele. Lua traz a grande bola, cheia de gente dançando e cantando. Mas sua intenção não era instalar a humanidade sobre a terra, mas sim comer os seres humanos quando saíssem da bola.

A irmã de Lua, entretanto, não quer que seu irmão coma os seres humanos, quer protegê-los, quer ser sua mãe. E para esconder a bola, ela a introduz em sua vagina, guardando-a no seu ventre. Ao voltar, Lua não tem resposta da irmã sobre o destino da bola, mesmo batendo nela; percebe então a alteração no corpo da irmã e imagina onde ela a escondeu. Espera que durma. À noite, aproxima-se da rede da irmã e apalpa seu corpo, tenta abrir suas pernas, introduzir a mão pela sua vagina. A irmã de Lua não sabe quem é que está fazendo isso. Resolvida a identificar o responsável, antes de deitar

passa jenipapo por todo o seu corpo. Lua se aproxima de novo, tenta por todos os meios reaver a bola, chegou a fazê-la sangrar (o que certamente é uma alusão à origem da menstruação) mas sem conseguir seu intento. No dia seguinte, a irmã percebe que foi ele que chegou a sua rede de noite. Esse episódio é muito interessante porque é a transformação de um tema presente em muitas mitologias sul-americanas; entretanto, nos mitos das outras sociedades indígenas, Lua chega à rede da irmã para ter relações sexuais com ela, que ela aceita, sem saber de quem se trata. Querendo identificar o amante secreto, passa-lhe no rosto suco de jenipapo, para saber no dia seguinte que cometeu incesto. No mito iecwana, Lua não quer relações sexuais, quer a bola de volta, e nessa procura aproxima-se demasiado do corpo da irmã. As manchas que hoje se veem no astro, tanto para os iecuanas como para vários outros grupos indígenas, são as manchas do jenipapo passado pela irmã.

A irmã de Lua foge. Chega ao rio Orenoco. Transforma-se na Grande Serpente, a Mãe do Rio, a Dona das Águas. E se esconde no fundo da correnteza.

O terceiro enviado *Wanadi* procura a bola; vai atrás de Lua, de quem sabe que está com a irmã deste. *Wanadi* chama então seu irmão, *Miido* (urutau), que era noivo da irmã de Lua e pede que consiga dela a bola de volta. Falhando em convencê-la a entregar a bola, ele manda atacar a Grande Serpente com flechas. Procuram-na, identificam pelo arco-íris, sua grande coroa de penas que seca ao sol. Crivam-na de flechas, mas não conseguem reaver a bola, que se quebra contra as pedras. Aqueles que estavam dentro da bola, transformam-se em ovas. E delas saem peixes, jacarés, sucurijus, todos os animais da água.

A Grande Serpente deixou seu corpo inerte na margem do rio. Seu espírito foi para o céu, onde é esposa do lago *Akuena*. Seu corpo foi comido por todos, que tinham feito a primeira caçada e estavam comendo a primeira carne. Foi o jaguar que deu a primeira dentada. Quando todos tinham ido embora só o jaguar e sua esposa permaneciam. Esta encontrou duas ovas que não tinham sido abertas. Ela resolveu recolhê-las para criar. Delas nasceram dois meninos.

Por conseguinte, cá estamos de novo com dois meninos criados por alguém que lhes matou a mãe. Mas não se trata de um casal de onças; o marido é um jaguar, mas a esposa é uma sapa. Uma sapa que guarda o fogo no seu estômago. E que o usa para cozinhar, mas só o faz quando está sozinha. Nem o marido sabe que ela tem o fogo. Estamos, pois, também diante do mito de origem do fogo dos timbiras e outros jês, mas transformado. Para os jês, ambos os cônjuges que têm o fogo são onças, e o fogo não fica no interior do corpo.

Os meninos eram extremamente travessos e um dia, entrando no rio, chegaram até a casa que fora da Grande Serpente. Aí deitaram e sonharam. E no sonho a Grande Serpente lhes revela a sua história. Depois de várias peripécias os meninos descobrem o segredo do fogo, matam a sapa, preparam com ela uma sopa para o marido jaguar comer. O fogo passou a ser produzido pela fricção de duas madeiras cujas árvores serviram de esconderijo aos gêmeos quando o jaguar se aproximava da casa; uma delas é o urucuzeiro. O jaguar, que encontra a casa vazia, toma a sopa sozinho, pensando que era carne dos meninos, que ele tinha encarregado a mulher de matar e preparar, e somente no fim descobre o logro, quando encontra a cabeça da esposa no fundo do pote.

O jaguar ainda passa por várias aventuras, é enganado por vários animais, faz uma troca de olhos e acaba sendo precipitado nas bordas do mundo pelos gêmeos, mas não consta que tenha morrido.

Os dois temas no rio Negro

O capítulo XIV do já referido volume *Antes o Mundo não Existia*, escrito por dois índios dessanas, constitui o relato de um mito que também combina os dois temas.

O mito começa por fazer referência às aves que cantam a horas certas, como os inhambus, jacamins, jacus, socós e mutuns. O herói inicial, sob a forma de um belo homem, de voz bonita e conhecedor de belos cânticos, é o inhambu primordial, que penetrava nas casas transformadoras da humanidade e executava um rito propiciador do crescimento da fruta umari. O inhambu também estava à procura de mulheres para se casar.

Até que chegou à 30ª casa transformadora, aquela onde as tribos haviam recebido cada qual sua língua. O dono dessa casa tinha nomes que se traduzem como “cobra” e “peixe”. Ele tinha duas filhas que estavam muito interessadas em conhecer o inhambu, mas esconde-as, para que não o vejam, até que, dada a sua persistência, elas conseguem vê-lo e ficam muito interessadas por ele, e ele por elas. Mas comparece à casa também o gambá, homem feio e de mau cheiro, que quer de todos os modos ficar com as moças e se intromete todo o tempo para saber o que o inhambu diz a elas. E por isso ouve o inhambu ensinar a elas como chegar à casa dele, e como evitar o caminho da esquerda, que leva à casa do gambá (mucura), no rio Tiquié (na serra do Mucura, acima da atual povoação de Fátima), devendo tomar o da direita, que leva à casa dele, inhambu, no Uaupés.

O gambá, precedendo as moças, troca as penas de aves que o inhambu tinha colocado na encruzilhada, para melhor marcar o caminho que deveriam tomar, e assim consegue que elas, confundidas, cheguem a sua casa, onde ele morava somente com a avó, embora todo o tempo ele tente dar a entender que mora com mais gente e tem auxiliares macus, ou seja, que é pessoa de prestígio. Levadas pela situação, numa casa pobre, com comida inadequada e sem redes sobressalentes, elas têm de dormir na mesma rede com o gambá, que tenta toda a noite ter relações sexuais com elas, até que a mais velha o aceita.

De manhã, ao ouvirem o som do trocano que vinha da casa do inhambu, fogem para lá. Para chegar à casa do inhambu, têm de atravessar o rio, mas o martim-pescador e, depois, o patinho se recusam a dar-lhes passagem, devido ao mau cheiro que exalavam. Finalmente o jacaré as atravessa na sua velha canoa. Na casa do inhambu, também devido ao mau cheiro, foram recebidas pela porta dos fundos; por isso, é por essa porta que as mulheres são recebidas até hoje. As mulheres da casa lavaram as moças com plantas aromáticas para lhes tirar o mau cheiro. Mesmo assim, ainda ficou um pouquinho do odor nas axilas, que os seres humanos têm até hoje.

O gambá resolve ir atrás das moças para recuperá-las, mas antes deixa

com a avó uma cuia, dizendo-lhe que, se aparecesse sangue na mesma, seria sinal de que teria sido morto. Na casa no inhambu, o gambá se comporta de maneira extremamente inconveniente, insistindo em levar de volta as moças ou, pelo menos, uma delas. Tanto faz e insiste que o inhambu, irritado, ordenou a seus auxiliares (garças, socós, garças-reais), que o levassem para fora e o matassem, o que fizeram.

Na casa do gambá, sua avó olhou a cuia e viu que estava cheia de sangue. Chorando, disse que o inhambu também tinha de morrer. Ao tocar a cuia, o sangue se transformou em dois grandes gaviões-reais, que ela mandou agarrar o inhambu.

O inhambu dormiu com as duas moças e teve relações com elas. Ele e elas já estavam se considerando casados. Levou-as para o banho de manhã. O sol já estava alto. A mais velha quis que o inhambu cantasse. Ele respondeu que aquela não era a sua hora de cantar. Mas ela insistiu muito, apesar de a mais nova tentar dissuadi-la. E ele cantou uma vez. Ela insistiu de novo que ele cantasse outra vez. E ele o fez. Então os dois gaviões-reais o localizaram e o agarraram e o levaram pelos ares.

A avó do inhambu, ao ver o que acontecia, pediu que os gaviões-reais jogassem pelo menos um pena dele. Eles então jogaram a última pena da asa. E desta pena a velha fez o inhambu que existe hoje em dia. A avó também pediu ao marido dela, que era um marimbondo, e pajé, que tentasse tirar alguma coisa do corpo do neto, para que não desaparecesse. Ele então compareceu à casa das onças, onde hoje é a Missão de Iauareté, e para onde os gaviões-reais haviam levado o corpo do inhambu, para que todos se banquetearassem. Como as onças e os gaviões-reais resolveram que deveriam comer o corpo socado no pilão, o velho ofereceu-se para socar e nesse serviço retirou o osso direito da perna (ou da perna direita?) e o jogou longe. O osso do inhambu caiu num lago próximo da casa dos avós dele e se transformou em dois peixinhos, chamados *Diloá* (plural de *Diloë*).

Abrindo um parêntesis, note-se que, os gêmeos aqui são dois peixes, e não passam por nenhum útero, real ou metafórico, como nos mitos abordados anteriormente; derivam de um osso do “pai”. Na procura do verdadeiro marido, as duas irmãs dão na casa do gambá (mucura), tal como a mulher mãe dos gêmeos do mito guajajara. Mas elas não originam a nenhum filho e não mais aparecem no mito após a morte do inhambu. Note-se também que a serpente tem uma presença discreta neste mito. As duas moças não têm relações com uma serpente, mas são filhas de um homem que tem “cobra” (e também “peixe”) em seu nome. Logo é o inhambu que tem relações com serpentes e é ele que “pare” os gêmeos.

Voltando aos gêmeos, os peixinhos foram encontrados no lago pela avó do inhambu. Não somente foi difícil apanhá-los, como o casal de velhos manteve com eles uma relação ambígua: queriam criá-los, mas se irritavam

com suas brincadeiras e tentavam por isso matá-los. Colocados num cesto de defumar pimenta, transformaram-se em grilos e comiam a pimenta torrada; e ainda levavam os grãosinhos de pimenta para colocar nos olhos da velha. Roeram os punhos das redes dos velhos, derrubando-os. Para prepará-los para a vingança contra os matadores do “pai”, a velha os colocou debaixo do pote que estava assando, bem como no meio da roça que estava queimando, mas eles escaparam ilesos em um e outro caso.

Ao saberem como tinha sido a morte do pai, os *Diloá* foram à casa do gambá, onde viviam os gaviões-reais. Com ajuda de redes invisíveis, e fazendo a avó do gambá atraí-los com o toque de flautas de osso, eles os apanharam. Retiraram-lhes os ossos e fizeram flautas para si. A avó do gambá, quando os viu capturados, pediu aos *Diloá* que lhe dessem as últimas penas da asa. Jogaram-lhe uma pena, que ela transformou no gavião-real dos dias de hoje.

Um dia que foram ajudar a avó (do inhambu) colher formigas maniuaras, subindo a uma árvore, contra a vontade dela viram a roça das onças. Quando faltou tapioca para fazer mingau e beiju, convenceram a avó de ir pedi-la aos donos da roça que tinham avistado. Providenciaram peixes para darem em troca. A avó encheu dois cestos e quis ir sozinha, mas eles se transformaram em passarinhos e não somente multiplicaram os peixes no caminho, como ajudaram a avó a rearrumá-los num só cesto. Chegando ao destino, tiveram relações com as moças de lá e ainda voltaram para a casa antes da velha.

Ajudando ao avô marimbondo a tecer balaios, inventaram os desenhos que eles trazem hoje. Também o avô ia levar os balaios para a casa das onças, mas não queria levar os gêmeos e usou como desculpa que os cestos ocupavam toda a canoa. Os gêmeos rearrumaram a carga da canoa e impuseram sua companhia aos avós.

Na casa das onças, passaram alguns dias, durante os quais os moradores deram-se conta de que eles eram inimigos dos gêmeos, pois tinham comido o “pai” deles. Por isso, fizeram tentativas de matá-los, mas não conseguiram. Os gêmeos, por sua vez, convidando os filhos das onças para brincadeiras traiçoeiras (jogando pião, atravessando um rio cheio de piranhas sobre feixes de capim), iam pouco a pouco matando a todos.

No preparo da festa de despedida, os gêmeos foram ajudar o avô a conseguir peixes, e o confundiram, mandando-o procurá-los num local onde eles tinham colocado uma imensa cobra. Indo uma segunda vez ao mesmo local, ele encontrou amontoados os peixes que deveria limpar.

É a segunda e última referência do mito a serpente.

Enfim, com a ajuda do espinhaço do terceiro trovão, durante a festa os gêmeos acabaram com as onças, que tinham a intenção de matá-los na mesma festa. Tinham escondido a avó (do inhambu) debaixo de um pote, para protegê-la dos raios. Mas ela, curiosa, levantou o pote para ver o que acontecia, e foi atingida, morrendo. Depois de

destruir as onças, eles tentaram fazer reviver a avó, mas quando ela voltava a si, as onças também ressuscitavam. Dando-se conta que isso acontecia porque a avó também era uma onça, eles decidiram que ela deveria morrer também e com mais raios aniquilaram todas as onças, inclusive a avó.